

## “A leveza da crônica provoca o riso e a reflexão” - entrevista com Antonio Dimas

Por Marta Eymael Garcia Scherer<sup>1</sup>

Os noticiários registram; os cronistas comentam. O noticiarista retira da mina a ganga de quartzo em que o ouro dorme, sem brilho e sem préstimo; o cronista separa o metal precioso da matéria bruta que o abriga, e faz esplendor ao sol a pepita rutilante. Naquela notícia e naquela razão há um lindo pedaço de ouro, que convém aproveitar<sup>2</sup>.

Assim como os cronistas garimpavam os temas, Antonio Dimas garimpa crônicas. Esse fragmento é apenas uma amostra entre centenas de textos de Olavo Bilac que o pesquisador recolheu nos jornais amarelados e esfarelados da virada do século XIX para o XX. A pesquisa, que culminou com a publicação da antologia *Bilac, o Jornalista*, ganhadora do prêmio Jabuti na categoria crítica literária de 2007, trouxe à luz um cronista e suas crônicas, mostrando a qualidade e quantidade deste gênero ainda pouco valorizado. Trabalho que incorporou este outro Bilac à história literária desde então, seja através dos ensaios que mostram o jornalista atuante e intelectual ativo, seja através dos textos que transcreveu e/ou catalogou.

- 
- 1 **Marta Eymael Garcia Scherer** (UFSC - Doutora e mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina, Marta Eymael Garcia Scherer é jornalista formada também pela federal-catarinense. É pesquisadora do grupo de pesquisa CNPq “A crônica brasileira: dilemas, paradoxose soluções de um gênero moderno”. Em suas atividades profissionais tem experiência de 10 anos em docência, assim como em jornalismo impresso e assessoria de imprensa. Pesquisa sobre Jornalismo e Literatura, com ênfase em História da Imprensa, História do Texto e Crônica.)
  - 2 DIMAS, Antonio (Org.). *Vossa Insolência: crônicas de Olavo Bilac*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p; 233.

A trajetória intelectual de Antonio Dimas garimpa ainda por muitas outras minas preciosas dos estudos literários. “Graduação em Letras (Português e Inglês) na UNESP-Assis (1965). Mestrado (1970), Doutorado (1975), Livre-Docência (2000) e Titularidade (2006) em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Atua principalmente nos seguintes temas: romance, crítica literária, historiografia literária, crônica, memorialismo, regionalismo, Gilberto Freyre & Modernismo.” É assim sinteticamente que o próprio Antonio Dimas se apresenta no currículo Lattes. Seriam necessárias, entretanto, muitas outras palavras para falar de quase meio século à serviço das letras brasileiras.

Nesta entrevista apresenta-se Antonio Dimas pesquisador de crônicas, gênero pelo qual tem especial predileção. Para o pesquisador, o caráter documental das crônicas é inegável, assim como sua condição de laboratório experimental da escrita. O gênero, cuja qualidade depende “da pena (ou da tecla?) de quem a redige” e não das regras da academia, tem como maior desafio combinar “a combinação de um leitor antenado com um estilo malicioso”. Apesar da qualidade e quantidade de crônicas, para Antonio Dimas o mundo acadêmico ainda não se “comoveu” de forma certa com o material disponível para pesquisa. E nos devolve uma das perguntas com a dúvida: “O perfeito está no perfeito ou no imperfeito? É no acabado do redondinho que se mostram as brechas da vida ou na casca grossa e cheia de frincha que se esconde a vitalidade?” É o que vamos aqui e agora descobrir.

### *Perguntas e respostas*

*MS: Em texto sobre a crônica, o senhor escreve que “Alencar denominava suas colunas de ‘Páginas Menores’; Machado considerava o gênero como a união do ‘útil e do fútil’; Bilac, segundo Eloy Pontes, tremia diante da possibilidade de ter seu material jornalístico revisitado um dia; Carlinhos de Oliveira, antes de desligar o telefone deixou bem claro para José Márcio Mendonça que ‘nada tenho a ver com a crônica.’; Clarice Lispector evadiu-se: “Crônica? Não faço. Conto histórias.”. Esses e outros escritores, ainda que arredios, fizeram da crônica um gênero maior. Em seu entender, qual a importância da crônica na formação da história da literatura brasileira?*

*AD: A mesma importância que tem o laboratório para as ciências biológicas ou exatas, pelo caráter experimental que nele está implícito, que nele*

está contido. Não é nele que se testam os experimentos? Não é nele que se fazem os ensaios? Não é nele que o certo e o errado, o acerto e o fiasco fracasso concorrem taco a taco? A meu ver, a crônica funciona como laboratório experimental, cujo acesso público é mais imediato, sem muita mediação e nem tempo de espera. Escrita num dia, no outro ela está na praça, testando seu alcance, sua ressonância, sua pertinência, sua adesão à expectativa pública. O cronista não dispõe de tempo prolongado. Nem pra escrever, nem pra ouvir o retorno. Sua relação com o público é atalho curto e de mão dupla. A rapidez da reação - tanto do cronista, quanto do leitor - é vapt-vupt. O cronista, porque se declara e se posiciona; o leitor, porque quer saber o que pensa alguém com quem se identifica é que lhe é caro.

Ao contrário do romancista ou do poeta, o cronista não conta com o benefício da morosidade do crítico que ruma, que reflete, que matura, que rejeita ou que acolhe. Sua relação com o leitor é outra, quase amor bandido: é sôfrega no vai-e-vem e de aparência superficial.

Não tenho nenhuma dúvida de que ela já faça parte de nossa literatura, mesmo que nos andares de baixo, ali instalada mais por preconceito acadêmico que por seu valor intrínseco, mas diferenciado. Seu vigor vem, a meu ver, do repertório temático que encarna e do termômetro estilístico que projeta. Em ambos os casos, seu caráter documental inegável funciona como instrumento poderoso de avaliação e de contextualização histórica. Sua qualidade não é inerente ao gênero, mas depende da pena (ou da tecla?) de quem a redige. É o talento maior ou menor do cronista que lhe “agrega valor”, como gosta de dizer esse insondável mercado.

Na crônica brasileira ensaiaram-se muitos escritores em fase de formação ou de entressafra criativa. Além desse caráter experimental, já apontado, ela pode garantir um adendo orçamentário no mês, um dado nada desprezível, mas que nem todos admitem, por falso pudor. Ou porque ainda acreditam na função literária como ofício sagrado, muito distante da necessidade comezinha.

*MS: Suas pesquisas sobre Olavo Bilac mostraram ao país um dos mais interessantes cronistas de sua história. O fato de o cronista ter ficado desaparecido por tanto tempo tem alguma explicação? Muitos outros cronistas estão ainda à espera de serem revelados?*

*AD: O cronista ficou soterrado pelo poeta, numa época em que a palavra solene coruscava e alimentava um imaginário nacional adverso ao nacional. Nosso sonho, na época, eram os bulevares; hoje são os xópins de Dubai ou de Coral Gables. Nem mesmo Euclides da Cunha, que se atreveu a*

sujar a rua do Ouvidor com o arraial de Canudos, conseguiu escapar desse fascínio verbal, que até hoje nos empanturra. Como a crônica tem vocação pro rés do chão, segundo expressão certa de Antonio Candido, é quase impossível que ela se alimente de preciosidades léxicas, a menos que em registro irônico flagrante. Como ela mira no olho e não no alto, não lhe interessa alcançar o galho lá de cima das louçanias verbais, nem o das estruturas narrativas complexas. Se o foco for esse, ela deixa de ser crônica.

Imagino que quanto mais satisfatórias forem as condições materiais para pesquisa sobre o periodismo brasileiro, outros valores, de âmbito nacional ou local, serão revelados. No momento atual, esse esforço concentra-se mais no eixo centro-sul por causa da sua capacidade de centrifugação. Minha dúvida é sempre esta: nas demais cidades brasileiras com espessura histórica, não houve cronistas que registrassem o cotidiano local? Ou essa veleidade irrompia cabia apenas em duas ou três capitais de Estado? Será que faltam cronistas ou faltam pesquisadores?

*MS: Para Olavo Bilac, a crônica era a “poeira tênue da história”, que poderia, um dia servir para que um investigador curioso encontrasse algo. É possível afirmar que a crônica, com sua liberdade de temas e estilos, torna-se um texto perfeito na imperfeição para o relato da vida cotidiana e, portanto, um rico material para ser analisado?*

AD: O perfeito está no perfeito ou no imperfeito? É no acabado do redondinho que se mostram as brechas da vida ou na casca grossa e cheia de frincha que se esconde a vitalidade?

Embora eu não creia muito nesse legendário da crônica imperfeita como artefato verbal, não posso também ignorar que, no fundo dessa acusação discreta, esteja a contraposição crônica X ficção, de boa qualidade ou não. Nessa disputa, parece que a crônica sai sempre perdendo. Porque ela padece da urgência, do tempo controlado, da entrega imediata etc. Mas será que o que parece defeito não pode ser virtude? A virtude do depoimento imediato, sem muita burilação, sem muita mediação, sem o banho frio da ponderação. Neste sentido, a crônica torna-se voz imediata, o gesto verbal rápido de quem domina o instrumento, de quem vive observando os arredores e fissa o fato no ato. É, como já disse antes, *a fatia fina do tempo*.

*MS: Pode-se falar de um crescimento da crônica como objeto de estudo nas últimas décadas? Será que este gênero ‘menor’ vem se tornando mais respeitado pelos pesquisadores de áreas como literatura, jornalismo, antropologia, história e afins?*

AD: Poderia ser maior, acho eu. A produção acadêmica das áreas afins ainda não se comoveu muito com esse material. Parece que ainda prefere as grandes especulações teóricas em torno de fenômenos urbanos mais ostensivos que o recurso à matéria do arquivo. Talvez por falta de hábito, não sei. Ou de desatenção histórica. Ou, o que é pior, de cansaço antecipado diante da precariedade de muitos arquivos brasileiros ainda, encosto de muito funcionário devagar, quase parando.

*MS: O senhor acredita que as muitas outras definições do gênero crônica reforçam sua pluralidade e seu tom informal?*

AD: Sem dúvida. Isso faz parte do esforço de apreendê-la, de enquadrá-la, de domá-la em sua resistência à norma. Porque a crônica - me parece - depende muito mais do tino e da sensibilidade do cronista do que das regras retóricas estipuladas pela academia. Seu caráter arredio à classificação é que a torna apetitosa, tanto para quem a escreve como para quem a lê. São essas duas pontas - a da produção e a do seu consumo - que delimitam esse *no man's land* verbal, onde a corda bamba do estilo consagra ou destrói.

*MS: É mesmo a crônica um gênero tipicamente brasileiro? Há algum traço distintivo da crônica brasileira em relação à crônica praticada em outros países latino-americanos? Quais são os pontos de contato?*

AD: Não acredito. Isso é comixão nacionalista. A imprensa de outros países está coalhada de textos curtos, pontuais, subjetivos e elaborados como a crônica que se pratica no Brasil. Qualquer revista de bordo, hoje em dia, comprova isso. Basta voar por aí. O jeito leve da crônica deu-se bem no ar.

*MS: Quais cronistas brasileiros que o senhor apontaria como relevante para a história do gênero no país?*

AD: A lista é longa e começa no Império. Não porque sejamos pródigos em cronistas, mas porque esbanjamos desatinos públicos. E estes são um dos pratos favoritos do cronista. Cada um, a seu modo, dá seu quinhão. Cabe ao estudioso avaliá-lo e qualificá-lo. O problema é que os poderosos de plantão são sempre mais férteis. Não dá pra competir com eles. O repertório deles é inesgotável diante do modesto grupo de cronistas que os observam, de lápis na mão. Ou de computador no colo. Por menor que seja o batalhão de cronistas, portanto, é sempre útil o que deles se espera. Difícil

é dar conta de nossa produção política! Quase impossível. Os que dela se encarregam são muito mais numerosos e mais férteis. Além de incansáveis.

*MS: Como podemos entender e trabalhar a multiplicidade de temas das crônicas e de estilo dos cronistas?*

AD: Mesmo que seja complacente quanto aos temas, que possa aceitar quase tudo, que nada lhe seja estranho, a crônica - acho eu - resiste a duas coisas: primeiro, à pirotecnia formal, à burilação excessiva, à falta de espontaneidade; segundo, à teorização sobrecarregada, sobretudo àquela que se acredita de ponta.

Ela precisa do chão, do plano, do lhano. Sua sedução se esgarça se o assunto se tornar repetitivo e, o que é pior, se ela vier envolta em zanga prolongada ou humor azedo. Se for reivindicativa ou panfletária, então, ela se desmancha. A crônica odeia palanque ou tribuna, porque isso cria distância e altura em relação ao público, que, sem escolha, vai ficar lá em baixo. A crônica também não gosta muito de que fiquem mudando o jeito de quem fala. Essa estória de narrador não combina muito com ela, porque é recurso que disfarça. Alguma coisa me diz que ela gosta mesmo é do velho autor. Seu leitor não gosta de disfarce. Do que ele gosta mesmo é da voz direta de quem fala. Do olho no olho!

*MS: Numa época em que todo acontecimento é imediatamente midiaticizado, como fica o espaço da crônica?*

AD: Fica ainda no periodismo de papel e já invadindo a mídia eletrônica. O que é excelente. Quanto mais, melhor. Porque a leveza da crônica provoca o riso e a reflexão. Não deixa de ser um recurso de educação estética a longo prazo para o grande público, deliberadamente alijado da leitura pelos incansáveis acima. Melhor a crônica que as intermináveis novelas em que ninguém sabe quem é pai de quem, até hoje. Nas novelas, a intriga serpenteia entre a cama e o cofre. Daí a necessidade de termos um sistema de cartório civil bem consistente, que, em tempos outros, como nos romances de Jorge Amado, costumavam ser incendiados em momentos de perigo.

Na crônica, por outro lado, o desafio é outro: é o desempenho verbal de quem a escreve e de quem a digere. Seu maior desafio é a combinação de um leitor antenado com um estilo malicioso.

*MS: Copiando João do Rio no livro Momento Literário e pensando sobre a crônica como texto que teve seu começo e desenvolvimento nos jornais, encerro com a pergunta: para o senhor “O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?”*

AD: Bom, sem nenhuma dúvida. Porque arte literária, o texto de boa qualidade, seja ele qual for, que fica na prateleira da livraria ou das bibliotecas tem efeito reduzido, quase nulo, de rodízio apenas circular, que atinge a mesma classe que a produz e não promove nada. De quê adianta essa excelência confinada? Vira mais do mesmo, não vira?

*Recebido em: 30/10/2013. Aceito em: 30/10/2013.*